

Esta história é trazida a você por [Ririro.com/pt](http://Ririro.com/pt) gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



# Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

## A primavera do amor

Caíam as brumas do crepúsculo e Elsa, a menina que vivia na cabana do lenhador, ainda estava longe de casa. Ela havia vagado sob o sol da primavera em busca de campainhas e anêmonas selvagens, pois a criança gostava mais da companhia dos pássaros e das flores do que das brincadeiras rudes de seus irmãos.

O lenhador e sua esposa diziam que ela era estranha e sonhadora e não entendiam seus interesses, mas não eram os verdadeiros pais de Elsa. Eles eram gentis com ela, no entanto, e Elsa sempre tentava ouvi-los; mas às vezes ela se esquecia. Ela havia esquecido hoje – sua mãe adotiva havia lhe dito para ficar perto da cabana, mas a ânsia de sua busca pelas flores que amava a levou mais para dentro da floresta do que nunca.

A luz do sol desapareceu e a escuridão pareceu surgir repentinamente sob os galhos grossos das árvores; os pássaros cantaram sua última canção noturna e foram para seus ninhos – apenas um tordo solitário cantou alto logo acima; Elsa pensou que era um aviso para ela se apressar em voltar para casa. Ela caminhou rapidamente na direção do que ela pensava ser sua cabana, mas ela tinha apenas sete anos e sentiu um pouco de medo, então não é de surpreender que ela apenas mergulhasse cada vez mais fundo na floresta.

Agora ela se encontrava no meio de um grande silêncio. As estrelas pareciam amigáveis e ela ficou feliz em vê-

las, mas estava ficando terrivelmente frio. As flores colhidas murcharam e caíram de suas pobres mãozinhas entorpecidas, e ela estremeceu em seu fino vestido de algodão.

Ah! O que ela não daria por ver a porta aberta e o fogo na cabana do lenhador, e um pouco de pão quente e leite, mesmo que fosse dado com uma bronca da esposa do lenhador! Ela lutou, com seus pobres pezinhos



cansados, porque parecia que a madeira estava ficando mais rala - talvez houvesse uma casa por perto.

Estava terrivelmente frio. Agora havia gelo no chão a seus pés. A lua havia subido e ela podia ver que todo o mundo ao seu redor era branco e frio.

Era estranho que ela tivesse forças para continuar, mas olhou para as estrelas e pensou que elas a guiavam. Finalmente ela chegou à beira da floresta, e ali se estendia diante dela um espaço amplo e aberto, com apenas algumas árvores espalhadas aqui e ali, e através de uma abertura das árvores a lua fria brilhava sobre uma casa branca e silenciosa.

A casa parecia tão morta e invernal quanto todo o resto; mas ainda era uma casa, e Elsa disse a si mesma que certamente alguém deveria morar nela. Então ela agradeceu às estrelas amigas por guiá-la e, com a força que lhe restava, arrastou seus pobres pezinhos

entorpecidos pelo caminho largo entre as árvores. No final da estrada, um portão de ferro estava aberto nas dobradiças, e Elsa se viu no que antes era um jardim. Agora os gramados e os canteiros de flores eram todos iguais a uma camada ofuscante de gelo e neve congelada.

Mas lá estava a grande casa branca, e de uma janela brilhava uma luz, certamente a luz de uma fogueira. Todo o resto estava escuro. Subindo um lance de degraus de pedra, a criança arrastou os pés cansados, até que se deparou com uma enorme porta, marrom e preta, fechada e trancada com grades de ferro. A grande aldrava pendia bem acima de seu alcance; mas com suas pobres mãozinhas ela batia na madeira. Certamente, se alguém não a deixasse entrar logo, ela deveria cair ali, dormir e morrer no degrau. Mas ao som de sua batida fraca, um cachorro começou a latir e Elsa ficou apavorada, mas não conseguiu fugir; então, em alguns momentos, a grande porta se abriu lentamente.

Um homem alto, vestido como um caçador, pálido ao luar, mas forte e poderoso, com uma longa barba escura que chegava quase à cintura, estava parado na porta. Ele teria assustado qualquer criança, mas Elsa viu apenas a cena atrás dele. Um grande fogo de lenha em uma lareira aberta, com tapetes na frente dele com dois cachorros grandes deitados sobre eles; um terceiro cachorro havia seguido seu dono até a porta. Elsa estendeu as mãozinhas para o calor escaldante.

"Por favor, deixe-me entrar!" Ela implorou.

O homem a ergueu nos braços e a deitou delicadamente sobre os tapetes no calor, e os cachorros farejaram ao

seu redor e pareceram dar-lhe as boas-vindas - e - por um momento ela não se lembrou de mais nada.

Quando Elsa voltou a si, descobriu que estava deitada em almofadas macias no tapete.

O homem de aparência rude, de longa barba escura e rosto pálido, ajoelhou-se ao lado dela, segurando uma tigela de caldo quente e fumegante. Então Elsa sentou-se e tentou beber, mas estava tão cansada e com frio que seu novo amigo teve que alimentá-la com uma colher, o que ele fez sem jeito. Depois de comer o caldo, ela caiu em um sono profundo e doce.

Quando Elsa abriu os olhos mais uma vez, a luz cinzenta e fria da manhã entrou pelas janelas sem cortinas do corredor. Encontrou-se deitada em um sofá forrado com tapetes de pele quente, ao lado da lareira, onde toras de pinheiro recém-acesas saltavam e ardiavam, enchendo o ar de odores doces e pungentes.

Por um momento ela ficou perplexa, imaginando como foi parar ali, em vez de em seu quartinho na cabana do lenhador. Então ela viu seu amigo da noite anterior ajoelhado em frente ao fogo, preparando comida. Então Elsa se lembrou; e ela bateu palmas com uma risada alegre, a risada de uma criança feliz e acordada.

"Eu quero me levantar", disse Elsa.

"Espere alguns minutos, mocinha."

Então ele a levou para uma pequena sala, que era um pouco estranha. Havia uma mesa com pincéis de prata; um par de sapatinhos de cetim fora jogado descuidadamente no chão; um manto de cetim carmesim estava jogado sobre uma cadeira. Todas essas coisas pareciam que uma mão as havia deixado de lado ontem -

mas todas estavam desbotadas e sujas, e a poeira espessa como se ontem tivesse sido há muitos anos. Mas Elsa se arrumou e voltou para tomar café da manhã. Terminada a refeição, Elsa perguntou se poderia ajudar nas tarefas domésticas. E ela começou a lavar a louça. A partir desse dia, uma nova e estranha vida começou para a pequena Elsa.

O homem de aparência rude que lhe dera abrigo parecia estar morando sozinho com seus cachorros. Todas as manhãs ele saía com eles e sua arma, para caçar na floresta. Na horta crescia milho e outras hortaliças e frutas e o homem tinha cabras para leite e galinhas para ovos.

Elsa não planejava voltar para seus pais adotivos. Ela estava apavorada com a ideia de se perder na floresta novamente e implorou muito para permanecer com seu novo amigo. Ele havia se afeiçoado a ela e estava feliz por ela ficar.

Enquanto Ulric, como o homem era chamado, estava caçando, Elsa fazia as tarefas domésticas, praticava com agulha e linha e preparava o jantar.

Depois do jantar, eles se sentavam perto do fogo e Ulric contava histórias estranhas ou lia em voz alta para ela os livros de sua biblioteca.



À noite, Ulric ensinava-lhe muitas coisas: a ler e a escrever, e até a falar outras línguas. Ele a deixou vagar pela mansão, a poeira era espessa em todos os lugares, e logo Elsa começou a entender que a poeira deveria permanecer; nenhuma mão tinha permissão para tocar em nada naquela casa estranha e silenciosa além do corredor e do quartinho que Ulric havia arranjado como quarto dela. No entanto, havia uma parte da mansão que ela nunca frequentava. No final de um longo corredor pendia uma pesada cortina de veludo, e atrás dela havia uma porta, sempre bem trancada. Apenas Ulric às vezes ia lá e quando voltava dessas visitas ficava triste por muitas horas.

As semanas se transformaram em meses. Todos os dias Elsa ansiava pela chegada da primavera. Mas a primavera nunca chegou. O frio intenso e a geada continuaram e, com o tempo, o coração da criança também congelou, exceto pelo forte e caloroso amor que ela sentia por Ulric.

Elsa sempre se perguntava sobre o mistério que envolvia a vida dele e dela, mas ela nunca pensou em partir. Isso partiria o coração de Ulric e o dela. E os meses se transformaram em anos, e Elsa tinha doze anos. Então, uma noite, Ulric voltou de uma de suas visitas ao quarto fechado, mais triste e pensativo do que de costume, pegou a mão de Elsa e começou a falar.

"Pequena Elsa", disse ele, "eu contei o tempo, e agora faz cinco anos desde que você veio até mim. Você me disse então que tinha sete anos, agora você tem doze, e logo estará se tornando uma jovem mulher. Chegou a hora—"

"Não é para eu ir embora, pai?"

"Isso é para você decidir"

"Então está resolvido", disse Elsa, tentando rir, "pois nunca vou deixar você."

Algo como uma luz de esperança brilhou nos olhos nublados do homem - olhos nos quais Elsa nunca tinha visto um sorriso, embora seus lábios sorrissem para ela com frequência.

"Ouça", disse ele; "antes de decidir, devo dizer-lhe tudo."

"Faz pouco mais de onze anos desde que a maldição caiu sobre mim. Eu era um homem duro na época, Elsa - duro, cruel e forte - eu me vangloriava de nunca ter perdoado uma dívida ou perdoado um inimigo. Eu havia me casado uma esposa jovem e bonita, e eu a amava apaixonadamente, mas à minha maneira dura e egoísta. Tivemos uma filha - uma menina - então com apenas alguns meses de idade. Era uma véspera de Ano Novo que decidi dar uma grande festa para o meu próprio ego. Todos os convidados vieram ao meu baile. Estávamos bebendo, aqui neste salão, quando ouvimos um choro. Era uma criança com dor. Ainda ressoa em meu coração. Minha esposa abriu a porta. Parada no degrau havia uma mulher, com uma criança nos braços. Um homem, magro e faminto, erguia-se atrás dela na escuridão; duas outras crianças se agarravam a ela, tremendo e chorando. Estávamos no meio do inverno cruel e amargo; a terra estava congelada, dura e fria. Naquele dia eu dei ordens para que essas pessoas, pobres e famintas como eram, fossem despejadas de suas casas. O homem eu suspeitava ser um caçador furtivo, e ele não estava



trabalhando em nada - um imprestável - mas minha esposa implorou que eu esperasse, pelo menos, até o verão. Agora ela se curvou para aquela pobre criatura no degrau, que estava tentando amamentar e aquecer seu bebê em seus braços frios, e sussurrou algo - imaginei que fosse uma promessa de abrigo. Um a um, meus convidados foram embora. Em meu orgulho e raiva, fechei a porta e a tranquei. Uma voz ergueu-se no ar parado da noite - o som de uma maldição amarga - uma maldição que repousaria sobre mim e sobre os meus, o frio do inverno e da morte, de desolação e remorso impiedosos, até que o amor humano reconquistasse a piedade humana e perdão. Pela manhã, a maldição havia caído. A mulher e o bebê que eu recusei foram encontrados em meus portões, mortos. Os servos fugiram e me deixaram sozinho, levando com eles nosso filho; minha esposa também morreu."

A cabeça do homem caiu sobre as mãos. Por um momento houve silêncio no corredor. Elsa se levantou - seu coração de criança sofreu com a terrível história. Ulric se recuperou e continuou: "Agora, Elsa, você sabe tudo. Minha filha, se você voltar ao mundo e me deixar para resolver meu destino, você não ficará sem um tostão. Eu tenho riqueza. Vou encontrar um lugar seguro para você, uma casa, então - vou tentar esquecer."

"Pai, querido pai, eu te amo - você sente muito - não vou deixá-lo - não me mande embora."

Alguns minutos depois, ele a levou para a sala fechada. Juntos, eles entraram e Elsa se viu em uma sala ricamente mobiliada.

Perto de uma janela havia um sofá coberto com veludo escuro, e sobre o sofá uma figura jazia estirada como se estivesse em um sono tranquilo e mortal, ou esculpida em mármore. A figura era a de uma mulher jovem e bonita. Seu vestido de cetim branco amarelara com o tempo; seu cabelo dourado estava no travesseiro.

"É apropriado agora", disse Ulric, "que você venha aqui."

"Mãe, acorda!" ela disse. "Mãe!"

Lentamente os olhos escuros se abriram e pousaram com um olhar de amor no rosto de Elsa.

E assim a maldição e as sombras do inverno eterno se foram da casa de Ulric, e sua esposa voltou de seu longo sono. No devido tempo, o jardim também acordou com o toque da primavera, e as flores desabrocharam, e os pássaros cantaram nas árvores em flor, e o sol brilhou. E o amor de Elsa tornou-se cada vez mais profundo por seu pai e sua mãe; pois talvez você tenha sido esperto o suficiente para descobrir que a esposa do lenhador era a criada que levou consigo em sua fuga a filhinha de Ulric na noite do baile de Ano Novo.